

# Correntes d'Escritas, um festival em modo catalão

Quando era editora, publicou Valter Hugo Mãe em Espanha. É a primeira mulher à frente do Institut Ramon Llull, que quer modernizar, com várias iniciativas. Uma delas é a presença catalã no festival literário Correntes d'Escritas que hoje começa na Póvoa do Varzim

## Literatura Isabel Coutinho

Foi no Verão passado que nasceu a ideia de o Institut Ramon Llull coordenar a participação catalã na 21.ª edição do festival Correntes d'Escritas, o encontro de escritores de expressão ibérica que tem a sua cerimónia de abertura hoje às 11h, no Casino da Póvoa de Varzim. Além do anúncio do vencedor do Prémio Literário Casino da Póvoa, no valor de 20 mil euros, será lançada a revista oficial do evento, neste ano dedicada à escritora Hélia Correia. De tarde, às 15h, o arquitecto Álvaro Siza fará a conferência de abertura do festival, intitulada *A arquitectura e outras artes*, seguida de uma conversa com o jornalista José Carlos Vasconcelos no Cine-Teatro Garrett.

Pelo festival, que terminará no sábado, passarão escritores de várias nacionalidades, entre os quais a comitiva, apoiada pelo Institut Ramon Llull, de escritores que escrevem em catalão e cuja selecção dependeu de alguns critérios. "Para ser seleccionado, o escritor tem de estar traduzido na língua do país para onde vamos. No entanto, no festival Correntes haverá uma excepção", explica Iolanda Batallé, a directora do Institut Ramon Llull ao PÚBLICO durante uma visita a Lisboa.

Ao festival literário levam três escritoras: Marta Orriols, autora de *Aprender a Falar com as Plantas* (ed. Dom Quixote); Tina Vallés, autora de *A Memória da Árvore* (Ed. Dom Quixote), e Najat El Hachmi, autora de *A Filha Estrangeira* (Bertrand Editora). Mas também o escritor das ilhas Baleares Melcior Comes, autor de *Sobre la Terra Impura*, o único cuja obra não está traduzida em português.

"Decidimos trazer este escritor, que nos parece importante no universo da literatura catalã, ganhou

nos últimos anos muitos dos prémios de literatura catalã, mas só está publicado em catalão e castelhano. Como o festival conta com a presença de muitos editores, é uma maneira de o conhecerem. Mas isto é muito excepcional", acrescenta Iolanda Batallé, que não irá estar presente no festival.

Ao Correntes d'Escritas enviará a directora da Área de Literatura e Pensamento do Institut Ramon Llull, Izaskun Arretxe, que participará numa mesa-redonda com alguns destes autores, amanhã às 17h. Será dedicada à literatura catalã.

"Tentamos que haja igualdade de género, que não se repita a presença de escritores, que estejam traduzidos na língua do evento e que haja distintos territórios da área catalã", diz Iolanda Batallé, directora do Ramon Llull desde Setembro de 2018, a primeira mulher a assumir o cargo na história da instituição. "Houve sete homens antes de mim e sou a mais nova, assumi o cargo com 46 anos", conta ao PÚBLICO, sentada num dos espaços da livraria Ferin, em Lisboa.

Foi editora durante mais de 20 anos, trabalhou dez na Random House Mondadori (actual Penguin Random House) e nos últimos anos esteve no grupo editorial Enciclopèdia Catalana, na qual criou três chancelas editoriais. Numa delas, a que considera mais pessoal, Rata, publicou em catalão e castelhano a obra de Valter Hugo Mãe. "Para mim é um dos grandes escritores portugueses em língua portuguesa e em todas as línguas. Aposto muito nele."

O seu primeiro romance, *A Memória das Formigas*, tem como protagonista uma jornalista cultural que ao fim de 25 anos de trabalho chega um dia ao seu jornal e a direcção diz-lhe que tem de passar da secção de cultura para a de política. "Ela não aceita e parte com o marido,

um cientista louco que trabalha numa tese sobre os fractais, e com a sua filha para uma aldeia perto do mar onde o seu avô tinha uma casa de pescadores. Procura trabalho e o único que encontra é guiar um tractor que limpa a areia da praia. Aí recorda a sua vida." Nenhuma das suas obras está traduzida em Portugal.

O seu segundo livro chama-se *O Limite Exacto dos Nossos Corpos* e são contos, ligados entre si, abordando o desejo em todas as suas formas. E o seu mais recente romance, *Farei Tudo o Que Tu quiseres*, que recebeu o Prémio Prudenci Bertrana para romance 2013, conta a história de uma mulher, de 40 e tal anos, que passa do "farei tudo o que tu queiras" ao "farei tudo o que eu queira".

### Voz própria

Em 2009, quando Iolanda Batallé lançou o seu primeiro livro, poucas eram as mulheres catalãs escritoras. "Nestes 12 anos nasceu um movimento que me parece importantíssimo, cada uma destas escritoras tem uma voz muito própria", diz. Dá o exemplo de uma das convidadas do Correntes, Najat El Hachmi, que nasceu em Marrocos, embora viva na Catalunha. "Ela é um vínculo entre duas culturas. Não existia na Catalunha um movimento como aquele a que eu assisti na época em que estudava em Southampton, em Inglaterra, ou em Berkeley, nos Estados Unidos, com primeiras ou segundas gerações de imigrantes a escreverem. Najat El Hachmi é uma dessas vozes. É também uma grande defensora de temas de género."

Sobre Marta Orriels e Tina Vallés, suas contemporâneas, afirma que são bastante poéticas como escritoras. "No seu último livro, Marta Orriels mistura muitas vivências pessoais, mas são duas mulheres com universos próprios interessantes", acrescenta a directora, que



**10**  
milhões de pessoas falam catalão

**200**  
traduções de literatura catalã para o português foram feitas nos últimos 15 anos, entre ficção, não-ficção, infanto-juvenil, clássicos e contemporâneos

antes da entrevista se sentou ao piano, encostado a uma das paredes, e tocou.

Esta participação no festival português envolve também um patrocínio monetário, uma parte dada pelo Instituto Ramon Llull e outra pelo próprio Correntes, que Iolanda Batallé preferiu não especificar. No festival poderá ser vista também a exposição *Portugal na Literatura Catalã*.

Também estará presente no Correntes d'Escritas a poeta, escritora e música Laia Martínez i López, das ilhas Baleares, convidada pelo festival, bem como a escritora catalã que escreve em castelhano Clara Usón (autora de *A Filha do Leste*, ed. Teodolito). "O Correntes vai ter um dia de residências e Laia Martínez

**Iolanda Batallé**  
fotografada na livraria  
Ferin, em Lisboa. À  
direita, as autoras Najat El  
Hachmi e Marta Orriels,  
ambas traduzidas para  
português e que estarão  
no Correntes d'Escritas

RUI GAUDÊNCIO



participará escrevendo um texto sobre como está a viver o festival.” O foco catalão está pensado para a edição deste ano, mas a vontade de continuação de colaboração do Llull com o festival “é grande”.

“O instituto que dirijo é uma ave rara que trabalha a *soft diplomacy* da cultura, da literatura, da língua catalã no mundo, mas também entre os territórios de língua catalã. Isto faz com que seja único”, diz Batallé. Nos dias que passou em Portugal reuniu-se com o presidente do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, porque há 18 anos, no início do Llull, havia um convénio entre os dois institutos e querem recuperá-lo. É o instituto, onde trabalham quase 70 pessoas, que organiza a participação da Catalunha

com o seu pavilhão na Bienal de Veneza, tanto de arte contemporânea como de arquitectura. Têm também um *stand* na Feira do Livro de Frankfurt e na Feira do Livro de Buenos Aires.

Dez milhões de pessoas falam catalão. Um dos objectivos do instituto é fazer com que estudantes de todo o mundo conheçam essa língua. Além da ligação às universidades, outra área é dedicada às outras disciplinas artísticas – dança, música, teatro, cinema, arquitectura, desenho, etc.

#### **Faber & rede digital**

Desde há um ano incorporaram a residência Faber, que foi criada, em Olot, por Francesc Serés. É uma residência de intercâmbio não só de

disciplinas criativas, mas também de investigação em qualquer disciplina. Fizeram recentemente uma residência sobre feminismo e a directora quer criar uma rede de residências. Duram uma semana, com um máximo de dez participantes habitualmente estrangeiros. Há meio ano abriram uma residência Faber em Andorra, nos Pirenéus, e estão a trabalhar para abrir outras em Valência e nas ilhas Baleares. “Dar a conhecer uma literatura, uma língua, uma cultura não é só enviar escritores catalães ou bailarinos ou artistas de teatro ou artistas para o mundo, mas também fazer com que escritores, jornalistas, cientistas de todo o mundo venham viver aos lugares catalães e vivam uma experiência.” Essas pessoas regressam aos seus países e exportam o território, a experiência, a relação com as pessoas que ali encontraram. “Este conceito de se fazer *soft diplomacy* cultural é feito nos dois sentidos. Isso é muito importante.”

#### **Marcar um cânone**

Outra mudança importante que Iolanda Batallé considera ter feito desde que assumiu funções é a criação de uma rede digital. Foi feito um concurso público e a rede está a cargo de um dos criadores da Wikipédia em catalão, Àlex Hinojo. “Nestes 18 anos passaram pelo Llull através das universidades, das bienais, das feiras, milhares de pessoas que não estão ligadas entre si. O objectivo é conectar toda esta gente, criar uma grande rede, compartilhar a informação”, revela. Estão a trabalhar neste *mapping* há um ano e irá estar disponível para consulta do público. Actualmente já têm em rede, através do Twitter, todos os professores de catalão do mundo. “Vamos fazê-lo com músicos, tradutores, escritores, artistas.

O Llull, além de dar apoios, além de fomentar a tradução, além das aulas de catalão, das bienais e de tudo o que fazemos, tem de ser um lugar que marque um cânone. Um jornalista que queira saber onde estão todos os guitarristas catalães no mundo, o Llull pode oferecer-lhe esse serviço.” Nos últimos 15 anos fizeram-se mais de 200 traduções de literatura catalã (ficção, não-ficção, infanto-juvenil, clássicos, contemporâneos, etc.) para o português. O



**O Instituto Ramon Llull é uma ave rara que trabalha a *soft diplomacy* da cultura, da literatura, da língua catalã no mundo, mas também entre os territórios de língua catalã. Isto faz com que seja único**

**Iolanda Batallé**

Editora e directora do Instituto Ramon Llull



Llull colaborou em muitas delas.

Um exemplo é a antologia poética em que os tradutores Rita Custódio, Àlex Tarradellas e Sion Serra Lopes trabalham há três anos e que sairá em Outubro, bilingue, de literatura catalã desde os tempos medievais até aos anos 1970. “É uma obra importante, porque existem já duas antologias de poesia portuguesa (também bilingues para catalão), mas são de 1988 e de 1989, uma traduzida pelo escritor Ponç Pons e a outra por Josep Maria Llompart.”

#### **A importância de ser mulher**

Com toda a sua energia e entusiasmo, que se percebe pela forma apaixonada como fala do seu trabalho, Iolanda Batallé tem uma ampulheta de duas horas no seu gabinete em Barcelona. É o máximo de tempo que permite que durem as reuniões semanais da equipa directiva. “São seis pessoas, cada um fala 20 minutos. Também tenho uma outra de meia hora, para reuniões dinâmicas”, conta a rir. Outro objectivo “importantíssimo”, lembra, é que no instituto haja mistura de gerações, desde os mais velhos a jovens com vinte e tal anos. “A cultura para os adolescentes de hoje não significa o mesmo que significava para nós. O Instituto Ramon Llull tem de incluir esta gente, porque dentro de dez anos eles são a cultura. É uma coisa que me obceca, já me obcecava quando era editora”, conta a directora, que durante dez anos foi a editora do projecto *Adolescents*. cat, uma plataforma digital onde estão conectados mais de dois milhões de adolescentes catalães.

Quando entrou para a instituição, esta não tinha um plano de igualdade. Estão a fazê-lo agora, tanto para os trabalhadores do Llull como para todas as áreas que apoiam. Também têm um plano de transparência. “Esta é uma batalha muito importante. Quem está em cargos de poder tem de trabalhar de outra maneira. Se na organização há uma pessoa que não cumpre este plano de igualdade, por ser da velha escola, por ser muito hetero/patriarcal ou por qualquer outra razão, faz parte da responsabilidade das mulheres que chegam ao poder solucionar isto e estabelecer outras formas de trabalho.”

isabel.coutinho@publico.pt